

BEM-ESTAR DOS EQUINOS ALBERGADOS NO HOSPITAL DE CLÍNICAS VETERINÁRIAS – UFPEL

AUGUSTO LUIZ POSTAL DALCIN¹; HENRIQUE DOS REIS NORONHA²;
RUTH DUNFORD PATTEN²; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA³

¹*Universidade Federal de Pelotas - UFPel1 – augustopostal@gmail.com*

²*Universidade Luterana do Brasil – ULBRA - equineclinichipatria@gmail.com*

²*St. Francis Xavier University – ruthpatten@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – UFPel – cewn@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O bem-estar é um estado dinâmico que varia e se manifesta de forma muito complexa, desta forma, é impossível supor que os animais estarão, ou devam estar no mesmo estado durante todo o tempo (CURTIS, 1985). O comportamento expressado por cada indivíduo acaba por ser um reflexo direto do ambiente em que vive, assim, ambientes inapropriados para a biologia da espécie em questão podem causar importantes alterações de comportamento (BROOM, 1993). De fato, o manejo tem como objetivo otimizar o bem-estar dos animais e também de seus criadores, entretanto, o ambiente artificial ideal ainda não foi descrito para nenhum animal, e portanto, uma definição concreta de bem-estar em animais domésticos não é totalmente possível (CURTIS, 1985). Na tentativa em adaptar-se ao ambiente em que se encontra e aos estímulos gerados, o animal evidencia o estresse como resposta de alteração fisiológica (BROOM, 2004). Caso haja prolongamento desse fator estressante, outros transtornos no organismo podem se evidenciar, refletindo-se em alterações produtivas, reprodutivas, comportamentais e psíquicas (SANTOS, 2005). Primeiro o animal analisa os estímulos externos em relação ao ameaço à sua homeostase para então interpretar e responder de forma fisiológica, apresentando a melhor defesa biológica deferida para tal situação (MOBERG, 1985).

Para que o bem-estar seja comparado em situações diversas, deve ser medido de forma objetiva e separado de considerações éticas, por um avaliador que possua bom conhecimento da biologia e etiologia do animal (BROOM, 2004). Alguns dos efeitos a serem julgados em relação ao bem-estar de um indivíduo devem considerar doença, traumatismos, fome, estimulação benéfica, interação social, condição de alojamento, tratamento, manejo, transporte, procedimentos clínicos, lesões variadas, atuação e contato do médico veterinário além de alterações congênitas ou adquiridas (MOLENTO, 2004). Para aprimorar o manejo de animais em situação hospitalar, SILVA (2017) sugere o uso de preceitos da doma racional possa promover um ambiente e interações positivas à saúde psicológica dos pacientes. Além disso, alguns desses princípios, por sua simplicidade podem ser empregados como alternativas aos métodos de contenção por estímulo doloroso. São alguns destes: dominar o cavalo conquistando-lhe a confiança e não pelo medo; transmitir comandos com clareza garantindo uma adequada recepção além de ter paciência e repedir os comandos sempre que necessário.

Somado a isso com a crescente preocupação com o bem-estar dos animais, o MAPA recomenda que o manejo busque manter os animais de forma mais próxima ao seu ambiente natural, evitando o seu sofrimento e visando o seu bem-estar, regido pelas já estabelecidas Cinco Liberdades (MAPA, 2017). Este trabalho tem por objetivo definir uma base comum de trabalho vinculado ao

manejo dos cavalos albergados no Hospital de Clínicas Veterinárias, independendo do nível de experiência do manejador, visando o mínimo efeito da brusca mudança de ambiente que são expostos.

2. METODOLOGIA

Para a implantação das boas práticas de manejo foram sugeridas atividades que salientassem o contato e a interação do manejador com o paciente. Para compreender a linguagem corporal e notar o seu comportamento, requer-se repetidos momentos de observação do animal em sua pluralidade de situações, solto no campo, estabulado, contido no tronco de manipulação, interagindo com humanos e também com outros animais.

A interação com o cavalo se inicia pela abordagem deste quando solto no piquete ou na cocheira, usando o buçal como forma de contenção. Após entrar no local onde o animal se encontra e fechar a porta/porteira, caminhe até o animal de forma tranquila informando a sua presença sem expressar movimentos bruscos. Usar da zona de fuga do animal para conduzir ou evitar que se desloque para longe. Para evitar que o animal se afaste, faça uso da extensão dos braços com as mãos espalmadas e abertas. Abordar o animal em um ângulo de 45º baseado pela escápula é a posição mais segura para se aproximar. Quando a aproximação for mais acentuada, mostrar o dorso das mãos e deixar que o cavalo cheire. Na sequência, passar a mão no cavalo a fim de conduzir a corda no seu pescoço e impedir que ele se move e, depois colocar o buçal. Evite tapar sua visão e tocar diretamente em áreas sensíveis como nariz, olhos e boca.

A dessensibilização é o próximo passo fundamental para que o animal permita ser tocado em diferentes partes do corpo sem apresentar reação. Para isso, usa-se a técnica de encostar na região pretendida com suavidade, de forma a acariciar o animal, demonstrando que o toque naquela região não provoca dor. Todo processo ensinado deve ser seguido de reforço positivo, para que o animal faça relações positivas. O reforço positivo pode ser adaptado conforme a verificação da sua eficiência, usa-se desde carícias no chanfro ou recompensa com alimento. O processo de dessensibilizar deve ser realizado com cuidado e o animal deve estar contido por outro manipulador, isso facilita o alcance em regiões de extremidades com mais segurança.

Com a diminuição de reação ao toque, em posição segura e fora do alcance de coice, agarre com moderada pressão o membro do animal, e promovendo leve apoio, desequilibre o animal para o membro contralateral, isso facilitará que o membro em questão seja articulado. Repetir o exercício algumas vezes até que o animal não promova reação de retirada, após a execução correta deve ser realizado o reforço positivo. Atividades propostas e corretamente efetuadas pelo animal não devem ser repetidas demasiadamente, a repetição conduz ao cansaço e por consequência o entendimento errôneo do que é proposto. Para o cabrestamento, procura-se que haja folga na guia que conduz o animal. O cavalo deve seguir a direção do condutor, acompanhando-o em posição lateral, ligeiramente atrasado. Animais que recusam ser cabresteados: usar pressão contrária com força moderada de forma contínua, no momento que o animal sugerir ao passo, liberar a pressão exercida. O objetivo da técnica é ensinar ao animal que a forma de aliviar a pressão realizada pelo cabresto é se movimentando para a direção queverte a pressão. O mesmo deve ser realizado para o exercício de parada ou recuo, realizar pressão contrária no cabresto

conduzindo o animal à parada ou recuo, quando este executar o comando, aliviar a pressão do cabresto, seguido de reforço positivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a gradativa implantação das técnicas de boas práticas e seu uso para a manipulação dos animais no HCV- UFPel, tornou-se perceptível a melhora na interação e comunicação entre humanos e animais, além de facilitar o acesso para exame físico pelos veterinários e tornar a rotina clínica mais descomplicada. De acordo com MOBERG & MENCH (2000), os efeitos do estresse são refletidos diretamente nas funções biológicas do animal, como competência imunitária, reprodutiva, metabólica e comportamental, o que justifica a importância do manejo pouco invasivo para animais em situação hospitalar.

Reforçando a importância desta proposta, a padronização do manejo no ambiente hospitalar serve para oferecer segurança não só aos manipuladores como também para os pacientes, além de garantir que todos os pacientes sejam recebidos e atendidos de forma igualitária e adequada, visando evitar e minimizar traumas. Em concordância com McDonnell & Poulin (2002) foi observado no decorrer deste trabalho que um ambiente adequado junto de um manejo meticoloso, estimula comportamentos fisiológicos e interrompe os episódios de agressividade.

Para aprimorar as técnicas de manejo e transformar essas boas práticas como costume e característica da interação com animais, é de extrema valia que este projeto receba continuidade, e assim, estimular e transmitir tais preceitos para os futuros colaboradores e veterinários coadjuvantes da equipe do Hospital de Clínicas Veterinárias – HCV/UFPel.

O trabalho ainda é recente e por isso não foram avaliados os resultados específicos da implantação das boas práticas. Na sequencia serão definidos indicadores para a avaliação e estudos dos resultados.

4. CONCLUSÕES

Com o uso de um manejo homogêneo, um protocolo de manipulação animal, somado ao treinamento e capacitação da equipe, torna-se notável a otimização das atividades, o aumento da segurança e a facilidade na interação para com os animais. Além disso, um ambiente calmo e confortável estimula a tranquilidade nos animais em resposta aos estímulos que recebem no hospital.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- BROOM, D.M. Stereotypes in horses: their relevance to welfare and causation. **Equine Veterinary Education.** p.151-154, 1993.
- 2- BROOM, D.M; MOLENTO, C. F. M. Bem-estar animal: conceito e questões relacionadas – revisão. **Archives of Veterinary Science.** v. 9, n. 2, p. 1-11. 2004.
- 3- CURTIS, S.E. What constitutes animal well-being?. MOBERG, G.P. **Animal Stress.** Daves, California, Springer New York. 1, p. 1-15. 1985.
- 4- MAPA. Manual de boas práticas de manejo em equideocultura. **MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO.** v.1. 2017.
- 5- McDonnell, S.M; POULING, A. Equid play ethogram. **Applied Animal Behavior Science.** v. 78. p. 263-290. 2002.
- 6- MOBERG, G.P. Biological Response to Stress: key to assessment of animal well-being? MOBERG, G.P. **Animal Stress.** Daves, California, Springer New York. p. 27-48. 1985.
- 7- MOBERG, G.P. Biological Response to Stress: Implications for Animal Welfare. MOBERG, G.P.; MENCH, J.A. **The Biology of Animal Stress – Basic principles and implications for animal welfare.** New Your, USA. CABI Publishing. 2000.
- 8- MOLENTO, C.F.M. Bem estar e produção animal: aspectos econômicos. **Archives of Veterinary Science.** v.10, n.1, p.1-11. 2005.
- 9- SANTOS, E. O. Metabolismo do estresse: impactos na saúde e na produção animal. SEMINARIO NA DISCIPLINA DE BIOQUIMICA DO TECIDO ANIMAL. **Programa de pós graduação em Ciências Veterinárias da UFRGS.** 2005.